

GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS COMO ESPAÇOS DE LAZER (TAMBÉM) PARA HOMENS: o olhar dos coordenadores em Florianópolis (SC)

Priscila Mari dos Santos¹
Alcyane Marinho²

RESUMO

Este estudo investigou como Grupos de Convivência para Idosos (GCI) em Florianópolis (SC) estão se configurando como espaços de lazer para homens. Desenvolveu-se uma pesquisa descritiva exploratória e qualitativa. Participaram quatro coordenadores e uma secretária (representando a coordenação) de cinco GCI, um de cada Região da cidade. Utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada para investigar os entendimentos de lazer; as compreensões dos GCI como espaços de lazer; e as percepções sobre a participação de homens. Aplicou-se a técnica de análise de conteúdo. Os entendimentos de lazer foram marcados por aspectos funcionalistas (prática de atividades; diversão; fuga dos problemas), sendo estendidos à compreensão dos GCI como espaços de lazer. Enquanto nos GCI Centro e Continente a participação de homens é limitada aos casados, nos GCI Norte e Leste não há limitações. No GCI Sul a coordenadora não tem interesse na participação masculina e geralmente se referiu ao grupo no feminino.

Palavras-chave: Atividades de Lazer; Idoso; Gênero

1 Doutoranda em Educação Física. UFSC, Florianópolis/Santa Catarina, Brasil.
E-mail: priscilamarisantos@hotmail.com

2 Doutora em Educação Física. Professora da UDESC. Florianópolis/Santa Catarina, Brasil.
E-mail: alcyane.marinho@hotmail.com

O presente trabalho contou com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob a forma de concessão de bolsa de mestrado à autora principal.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento representa uma experiência distinta entre homens e mulheres, marcada por suas diferentes trajetórias de vida. No Brasil, a maioria das idosas não teve um trabalho remunerado durante sua vida adulta. Além disso, embora vivam mais que os homens, geralmente passam por um período maior de debilitação física antes da morte. Por outro lado, são elas quem, quase sempre, participam de atividades extradomésticas, de organizações, fazem cursos, viagens e trabalho remunerado temporário. Ao contrário do que fizeram na sua vida adulta, assumem, progressivamente, o papel de chefes de família e de provedoras. Homens idosos, por sua vez, parecem encontrar mais dificuldades para se adaptar à saída do mercado de trabalho e se envolverem em grupos e, por estarem em menor quantidade na população de idosos, podem ser isolados socialmente (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004).

Ao longo das últimas décadas, esse cenário se traduziu em uma série de iniciativas por parte de organizações governamentais e privadas visando ao atendimento das necessidades dos homens e das mulheres idosas. Juntamente ao surgimento de discursos e vetores de reprodução de uma nova imagem de velhice - no sentido de percebê-la como fase da vida autônoma, capaz e ativa, bem como de concretização de direitos humanos -, surgiu formalmente a estratégia do atendimento aos idosos por meio dos centros de convivência (DEBERT, 1999, 2013). Esses locais foram destinados à permanência diurna de idosos, com realização de atividades físicas, laborativas, recreativas, culturais, associativas e de educação para cidadania (ROLLIN, 1998).

Além desses centros, a partir da promulgação da Política Nacional do Idoso, em 1994, expandiram-se pelo país os Grupos de Convivência para Idosos (GCI), como uma das estratégias para evitar a institucionalização dos idosos, favorecendo sua convivência comunitária (BRASIL, 1994). Lopes (2012) define tais grupos como espaços que favorecem trocas de experiências e convívio harmonioso entre idosos. Geralmente têm como locais de encontro os salões comunitários de associações, salões de igrejas, clubes, dentre outros, sendo organizados em parcerias com órgãos governamentais, ou não. Possuem um coordenador que, sozinho ou com o apoio de outros idosos integrantes da diretoria (vice-coordenador, tesoureiro, secretário, etc.), gerenciam as atividades realizadas nas reuniões do grupo.

Nesse contexto, os GCI também se apresentam como possibilidades de atendimento aos interesses dos idosos no lazer (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010), podendo, na maioria das vezes, serem considerados propriamente como “grupos de lazer” (MARCELLINO, 1996). Isso ocorre porque, basicamente, as principais atividades desenvolvidas, para além de contribuir com a integração social, convivência e participação comunitária, acabam atendendo a determinados interesses culturais no lazer (físicos, manuais, intelectuais, artísticos, sociais, turísticos), conforme elucidam os resultados de alguns estudos desenvolvidos nesses espaços, em diferentes cidades brasileiras (BORINI, 2002; BROD, 2004; KIST, 2011; SANTOS; MARINHO, 2015).

Em Florianópolis (SC), cenário regional da presente pesquisa, Santos e Marinho (2014) levantaram, em abril de 2014, 103 GCI ativos na cidade, vinculados

à Secretaria Municipal de Assistência Social, contando com a participação de 4.275 integrantes (3.976 do sexo feminino e 299 do sexo masculino). Em todos os grupos, as autoras verificaram que a maioria dos participantes era do sexo feminino.

A predominância feminina nesses GCI parece ser oriunda de uma tendência histórica que caracteriza esses grupos em diferentes cidades brasileiras. Segundo Araújo (2004), que realizou um estudo com coordenadores de GCI em Florianópolis (SC), a predominância de participantes do sexo feminino nesses espaços está relacionada às questões de gênero, tendo em vista que os papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres ao longo da vida adulta - especialmente no sentido de o homem ser o chefe da família e provedor de seu sustento, enquanto a mulher é a cuidadora dos filhos e do lar - são invertidos na terceira idade, quando elas passam a ter mais tempo e interesse por buscar atividades extradomésticas, envolver-se em grupos e liderá-los. Ainda de acordo com a autora, nesta fase da vida, os homens, por outro lado, geralmente preferem passar mais tempo em casa, apresentando mais resistência para se envolver com organizações e lideranças.

Ao partir do pressuposto de que todas as esferas da vida humana são genericadas (marcadas pela diferença de gênero) e generificadoras (produzem a diferença de gênero), a dimensão do lazer não está isenta das discussões envolvendo o tema gênero (GOELLNER, 2014). No lazer também são produzidos discursos e práticas que marcam as pessoas a partir daquilo que a cultura define como masculino ou feminino, uma vez que, na busca por protagonismos e representatividades, peculiarmente no contexto das atividades vivenciadas no lazer,

são manifestadas diferenças de participação entre homens e mulheres (GOELLNER *et al.*, 2009; GOELLNER *et al.*, 2010), inclusive na geração de idosos e no contexto dos GCI (BORINI, 2002; BRITTO DA MOTTA, 1999; KIST, 2011).

Frente ao exposto, surgiu o interesse em investigar como GCI em Florianópolis (SC) estão se configurando como espaços de lazer para homens idosos. Nesse sentido, buscou-se, neste estudo, investigar os entendimentos de lazer de coordenadores de cinco GCI com maior proporção de homens (em comparação a outros GCI da mesma Região da cidade); a compreensão dos GCI que coordenam como espaços de lazer; e suas percepções sobre a participação de homens idosos.

Diante da escassez de estudos no Brasil que direcionaram atenção ao lazer e/ou aos aspectos envolvidos na participação masculina em GCI (BORINI, 2002; BROD, 2004; KIST, 2011; VARGAS; PORTELLA, 2013), acredita-se que este trabalho possa contribuir para amenizar a lacuna científica identificada, impulsionando a realização de outros estudos sobre o assunto. Além disso, investigações com a proposta ora apresentada podem servir para que os coordenadores reflitam acerca de suas condutas e práticas, identificando possibilidades de aperfeiçoá-las, a fim de que, tanto as mulheres quanto os homens, tenham acesso ao usufruto do lazer nesses espaços.

METODOLOGIA

Esta investigação é do tipo descritiva exploratória, com abordagem qualitativa das informações (GIL, 2008; MINAYO, 2012). Constituíram os contextos desta

investigação cinco GCI cadastrados na Secretaria Municipal de Assistência Social de Florianópolis (SC), sendo um grupo de cada Região da cidade (Centro, Continente, Sul, Norte e Leste). Os cinco GCI que integraram este estudo foram selecionados por apresentarem maior proporção de participantes do sexo masculino, quando comparados aos demais grupos localizados em uma mesma Região. A quantidade absoluta de membros do sexo masculino nos cinco GCI selecionados foi: 11 no GCI do Centro; 11 no Continente; nove no Sul; oito no Norte; e sete no Leste.

Foi convidado a participar deste estudo o coordenador de cada um dos cinco GCI selecionados, independentemente do sexo e da idade, mas com tempo mínimo de um mês desempenhando atividades neste status. Nos GCI das Regiões Centro e Continente, os coordenadores são do sexo masculino e, no momento da coleta de dados, apresentaram, respectivamente, 68 e 76 anos de idade. Nas demais Regiões, a coordenação era exercida por uma representante do sexo feminino, tendo 80 anos no GCI Sul e 54 no GCI Norte. No GCI da Região Leste, devido à indisponibilidade da coordenadora e da vice-coordenadora, por motivo de doença e de viagem durante o período do trabalho de campo, respectivamente, outra integrante da diretoria, que desempenha a função de secretária, foi convidada para participar do estudo representando a coordenação, visto que ela assume tal cargo na ausência das demais representantes. A secretária tinha 60 anos de idade.

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada contendo perguntas básicas como: "O que é lazer para o(a)

senhor(a)?" "O(a) senhor(a) considera este grupo de convivência um espaço de lazer? Por quê?"; "Por qual(ais) motivo(s) o(a) senhor(a) acha que há mais mulheres do que homens participando deste grupo?"; "O(a) senhor(a) gostaria que houvesse mais homens participando deste grupo de convivência? Por quê?".

Para registrar as entrevistas, foi utilizado um aplicativo de gravação de áudio instalado no celular da pesquisadora principal. Depois, os discursos dos coordenadores foram transcritos na íntegra, corrigindo-se apenas vícios de linguagem, erros gramaticais e repetições, de acordo com as orientações de Duarte (2004). Foram inseridas explicações entre colchetes, quando se julgou necessário; e cada entrevistado recebeu um nome fictício, a fim de assegurar o anonimato dos participantes. Como forma de validação do conteúdo das entrevistas, as transcrições foram impressas e entregues aos coordenadores para que apontassem alterações em caso de necessidade. Um coordenador solicitou dois ajustes, sendo prontamente atendido.

Os dados foram tratados por meio da técnica de análise de conteúdo categorial, na modalidade temática, seguindo as instruções de Bardin (2009). Dessa forma, após as transcrições das entrevistas, os dados foram organizados com auxílio do *software* NVivo, versão 9.2, e foi realizada uma leitura compreensiva, observando-se os registros mais frequentes e verificando-se indícios de respostas similares e divergentes. O material foi, então, analisado propriamente, sendo codificados temas em categorias de análise previamente estabelecidas para este estudo (entendimentos de lazer dos coordenadores; compreensão dos GCI como espaços de lazer; e percepções sobre a participação de

homens idosos). Por fim, os resultados foram descritos e interpretados à luz da literatura consultada sobre o assunto, alcançando-se os objetivos da pesquisa.

Este estudo fez parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvido em nível de Mestrado em Educação Física, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH n.º 701.064 de 26/06/2014) da Universidade do Estado de Santa Catarina. Ademais, os cinco coordenadores assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vidas, sendo uma para eles mesmos e outra para a pesquisadora principal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entendimentos de lazer dos coordenadores

A figura do coordenador nos GCI influencia diretamente a organização das atividades e o funcionamento dos grupos como espaços de lazer e de convivência comunitária, visto que, na maioria dos casos, são esses indivíduos que determinam a rotina dos encontros, com maior ou menor participação dos demais integrantes dos grupos conforme as características e particularidades de cada um deles (ARAÚJO, 2004; SANTOS; MARINHO, 2015). Diante disso, em um primeiro momento, torna-se pertinente reconhecer os entendimentos de lazer dos coordenadores dos GCI investigados no presente estudo, uma vez que suas visões sobre o fenômeno podem impactar mais ou menos a concretização do lazer nos grupos que lideram.

Os coordenadores dos cinco GCI enunciaram seu entendimento de lazer por meio da associação do fenômeno à prática

de atividades culturais diversas, realizadas principalmente no ambiente extradoméstico e no contexto dos grupos que lideram; e à vivência de momentos de alegria, prazer, união, amor, diversão. A reprodução de seus depoimentos é pertinente para ilustrar esses significados relacionados ao lazer:

“É passear; ter um esporte; fazer uma ginástica; sair de casa como a gente tem esses grupos e conversar com as pessoas. O idoso também gosta muito desse lazer, ter um baile para dançar [...]. E tem bastantes coisas para lazer. Fazer caminhada é um lazer, que é uma boa coisa [...]” (ZULEIDE - SECRETÁRIA GCI LESTE, 2014).

“Lazer é ter alegria, viver em união com as pessoas, ter amor, muitas risadas e muitas brincadeiras. Participar junto com os grupos, onde tem recepção de pessoas. Para mim, lazer é isso” (JULIANA - COORDENADORA GCI NORTE, 2014).

“Lazer pra mim é estar aqui no grupo, jogar um binguinho, dançar... Isso pra mim é um lazer. Passear, também. Ir assistir a uma palestra... Para mim, tudo é um lazer” (NEIDE - COORDENADORA GCI SUL, 2014).

“Lazer é tudo aquilo que me dá alegria, que não me estressa. Isso é lazer” (SILVEIRA - COORDENADOR GCI CENTRO, 2014).

“Lazer, para mim, é uma parada que se faz no tempo para proporcionar vida com mais alegria, mais entusiasmo, mais prazer. [...]” (EDUARDO - COORDENADOR GCI CONTINENTE, 2014).

Esses entendimentos de lazer corroboram com a visão que geralmente o senso comum tem sobre o fenômeno (MARCELLINO, 1987, 1996) e com perspectivas

teóricas de estudiosos que, apesar de terem impulsionado os estudos sobre o lazer no Brasil, hoje são frequentemente criticados por suas concepções reducionistas sobre determinados aspectos associados ao lazer. Dumazedier (1979), por exemplo - sociólogo francês considerado pioneiro sobre a teorização do lazer no Brasil - conceituou o lazer como um conjunto de ocupações, às quais a pessoa pode se entregar por livre vontade para descansar, divertir-se ou para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após se desprender das obrigações profissionais, familiares e sociais. Desse modo, em sua visão, o lazer se definiria em função do tempo “livre” que cada um tem para si, após ter cumprido todas as suas obrigações cotidianas, ocorrendo privilegiadamente no fim do dia de trabalho, nos finais de semana, nas férias e no fim da vida profissional, por meio da vivência de atividades práticas.

Frente à concepção de Dumazedier (1979), fica clara a associação dos entendimentos de lazer dos coordenadores investigados no presente estudo com a perspectiva teórica do autor, mas destacando-se, nesta investigação, o reconhecimento privilegiado da função de diversão no lazer, especialmente por meio da prática de atividades. A crítica que outros estudiosos fazem atualmente sobre esse entendimento é no sentido da limitação do fenômeno lazer a um simples conjunto de atividades para passar o tempo, o que poderia contribuir para a alienação das pessoas perante a ordem social dominante; bem como à sua percepção como esfera separada das demais dimensões da vida humana, especialmente do trabalho. Diante disso, os críticos defendem a compreensão do

lazer como fenômeno complexo da vida, que caracteriza direito social, exercício da cidadania e possibilidade de vivência de valores que contribuam para mudanças morais, culturais e sociais (GOMES, 2004; MARCELLINO, 1996).

Para Gomes (2004, 2014), por exemplo, o lazer é compreendido como dimensão da cultura e como necessidade humana, atendida por meio da vivência lúdica de manifestações culturais, em um espaço social conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. Dessa maneira, o lazer não se resume ao “não trabalho”, tampouco pode ser simplesmente confundido com o divertimento, pois embora ele abarque a possibilidade de entretenimento, não se resume a ela. Trabalho e lazer, apesar de possuírem características diferentes, integram a mesma dinâmica social, representando faces distintas de uma mesma moeda. Dessa forma, é preciso assinalar o dinamismo desses fenômenos, atentando para as inter-relações e contradições que eles apresentam.

Marcellino (1987) salienta que as ideias de determinados estudiosos, muitas vezes, alimentam a prática de diferentes grupos e instituições que atendem a um número significativo de pessoas. Nesse sentido, acredita-se que a escolha (consciente ou não) por ou uma ou mais possibilidades de compreensão do lazer (nem sempre confluentes) repercute nas características de organização de grupos diversos. Partindo desses pressupostos, evidencia-se que os entendimentos de lazer dos coordenadores aqui investigados estão embasados em aspectos “funcionalistas” do fenômeno (característicos da perspectiva teórica de

Dumazedier), sendo estendidos à caracterização dos GCI que coordenam.

Compreensão do GCI que coordena como espaço de lazer

Após enunciar seus entendimentos de lazer, os coordenadores foram indagados sobre a percepção dos GCI que lideram como espaços de lazer (ou não). Todos foram unânimes em considerar esses grupos como possibilidades de vivenciar o lazer, associando suas compreensões sobre tais espaços aos seus entendimentos de lazer, mas também indicando outros aspectos caracterizadores da ocorrência do fenômeno nesses locais. Enquanto o coordenador do GCI Centro enfatizou sua compreensão do lazer no grupo como separado das obrigações cotidianas e possibilidade de fuga dos problemas, o coordenador do GCI Continente compreendeu o lazer no espaço que lidera como um compromisso:

“Esse grupo significa o lazer. Ninguém tem obrigação de vir aqui. [...] Eu não tenho obrigação de estar aqui hoje ou na próxima segunda-feira. Mas, eu gosto. Eu me desligo de todos os demais, eu não vou dizer problemas porque eu não tenho grandes problemas, mas das minhas outras atividades. Eu deixo tudo em casa [...] eu acho que esse convívio aqui é muito bom. Não que merecesse ser todo dia, porque aí você sabe que vira rotina e viraria quase que uma obrigação, mas uma vez por semana está de bom tamanho. Todo mundo é amigo. Mesmo jogando farpas como eu jogo com o Michel, a gente pode se considerar amigo. São formas de a gente se entrosar” (SILVEIRA - COORDENADOR GCI CENTRO, 2014).

“É um compromisso que todos temos. A gente para duas vezes ao mês para passar

esse dia aqui. Então, eu considero um lazer” (EDUARDO - COORDENADOR GCI CONTINENTE, 2014).

Esses resultados reforçam a complexidade do lazer como esfera da vida humana, visto que, em espaços que supostamente deveriam ter as mesmas características gerais de proporcionar convivência social e vivências no lazer (MENDES, 2000; ROLLIN, 1998), em determinado contexto, o fenômeno pode ser visto como separado das obrigações, aproximando-se da perspectiva teórica de Dumazedier (1979); enquanto em outro, o lazer pode ser compreendido como inter-relacionado às obrigações, indicando que as escolhas de vivências nesse âmbito são atravessadas por diferentes fatores (familiares, sociais, econômicos, etc.), conforme acredita Marcellino (1996).

É interessante apresentar também o depoimento da secretária do GCI Leste, no qual o lazer no grupo foi percebido de uma forma que contribui para melhorar as condições de vida dos idosos, estimulando uma atitude mais positiva e ativa frente à velhice. Embora continue sendo possível identificar uma visão funcionalista do lazer, agora se tornam mais evidentes aspectos que, de alguma maneira, indicam maior valorização do lazer:

“[...] A gente tem esse nosso grupo e todas as sextas-feiras nós fazemos um bingozinho pra eles. Por quê?! Para ajudar na memória deles, porque os idosos facilmente se esquecem das coisas, eles ficam muito parados. [...] Então, a gente está sempre incentivando eles a fazerem as coisas: trabalhos, tarrafa, rede [...]. Isso tudo seria o lazer para eles, porque eles gostam disso. [...] Eles gostam de conversar, fazer amigos. [...] E, às vezes, a gente sai para fazer um

passeio com eles, seria um lazer. [...] Tem pessoas dessas aqui que falam que se não vierem ao grupo na sexta-feira ficam doentes. [...] Aqui o pessoal não fica pensando besteira, nem nada. Se todo mundo participasse dos grupos eu acho que muitas pessoas não tinham depressão porque sempre tinha essa atividade. Tem depressão quem não faz muita atividade, fica parado dentro de casa só vendo coisa na televisão [...] Eu considero isso aí um lazer, um grupo” (ZULEIDE - SECRETÁRIA GCI LESTE, 2014).

Esse caráter mais assistencialista aponta para as características de estruturação histórica e cultural dos GCI em Florianópolis (SC). Partindo de iniciativas envolvendo principalmente órgãos vinculados à assistência social, esses espaços passaram a se configurar como uma alternativa pertinente para a continuidade da vida com mais qualidade após a aposentadoria (MENDES, 2000; ROLLIN, 1998). Mesmo diante da diversidade de atividades desenvolvidas e das diferenças socioeconômicas e de recursos disponíveis nas variadas iniciativas voltadas aos idosos, Debert (2013) salienta que todas, de alguma forma, reiteram a ideia de que esses indivíduos necessitam de uma assistência especializada e que devem reencontrar seu lugar na sociedade, recuperando sua autoestima. A criação de ambientes adequados para estimular uma postura pessoal positiva voltada para a saúde é vista como necessária para tornar as escolhas mais fáceis.

Nesta direção, as atividades desenvolvidas nos GCI podem ser percebidas pelos coordenadores como propiciadoras de benefícios aos idosos, especialmente para o seu bem-estar físico e mental, para além do social (BORINI, 2002; KIST, 2011).

Contudo, tendo-se como pressuposto que o lazer não pode ser considerado simplesmente um assimilador de tensões, resolvendo todos os problemas das pessoas em um “passe de mágica”, devem-se considerar suas contradições e conflitos, haja vista sua complexidade e inter-relação com as demais dimensões sociais (MARCELLINO, 1996). Neste contexto de discussão, incluem-se os GCI por se configurarem como opções no lazer dos idosos, conforme outros estudos realizados nesses espaços (BORINI, 2002; BROD, 2004; KIST, 2011; SANTOS; MARINHO, 2015), e também de acordo com os discursos dos coordenadores participantes da presente pesquisa.

Os benefícios aos idosos podem ocorrer e não se questiona os aspectos positivos da assistência prestada a esses indivíduos, mas é suficientemente conhecido que nem sempre essas ressonâncias alcançam todos os participantes, a julgar pela característica dos GCI em ofertar atividades que, por vezes, contradizem os interesses dos participantes, em especial, dos homens (BROD, 2004; KIST, 2011; SANTOS; MARINHO, 2015). Ademais, é possível identificar nesses espaços um discurso dominante que, atrelado à ideia de um envelhecimento ativo, entende que os idosos são os únicos responsáveis pelo controle do seu processo de envelhecer, o que Debert (1999) denominou reprivatização do envelhecimento.

Nesta concepção, se alguém não é ativo, não está envolvido em programas, se vive a velhice no isolamento e na doença, se não tem boas condições de saúde e boa aparência é porque não teve o comportamento adequado ao longo da vida, recusando a

adoção de formas de consumo e estilos de vida mais favoráveis. Esse discurso é falacioso na medida em que se desconsidera o caráter multifacetado do conceito de saúde e os desníveis nas condições de escolha decorrentes das desigualdades sociais (DEBERT, 1999).

No contexto das possibilidades acessíveis aos idosos no lazer, resta saber se eles estão conseguindo distinguir e escolher aquelas que melhor atendem aos seus interesses e as suas necessidades. A entrevista com a coordenadora do GCI Norte trouxe indícios de que há interesse em ampliar as possibilidades de vivências no grupo, transcendendo as atividades habitualmente realizadas nesse espaço:

"[...] Aqui a gente passa uma tarde com brincadeira, com o bingo, a gente dá risada, às vezes conta piada... Para mim, se torna uma tarde de lazer. Até mesmo o bingo que a gente favoreceu domingo, que teve aqui, muitas pessoas que não saem para outros locais vieram porque não tem para aonde ir. Fizemos uma tarde dançante... Então, eu acho que considero esse espaço como um momento de lazer. Embora, falte muita coisa ainda pra gente. Agora nós só estamos com o bingo, no momento. Mas, eu gostaria de ter aulas de dança, algum evento, ginástica porque as pessoas gostam de passar uma tarde com um professor fazendo uma ginástica" (JULIANA - COORDENADORA GCI NORTE, 2014).

Em espaços organizados por meio de uma estrutura hierárquica em que cada um desempenha um papel pré-estabelecido, o interesse da coordenação por mudanças, especialmente no sentido de ampliar as possibilidades de conteúdos culturais vivenciados nos GCI, pode significar uma

alternativa fértil para que sejam vislumbradas novas perspectivas de concretização do lazer nesses grupos, particularmente no que diz respeito ao reconhecimento do fenômeno como direito social, que, como tal, deveria atender aos diferentes interesses humanos. Deve-se reafirmar que o lazer é permeado de ambiguidades e contradições, manifestando-se de forma variada, de acordo com os sentidos/significados que são (re) produzidos por meio de relações dialéticas das pessoas nas suas interações com o mundo (GOMES; PINHEIRO; LACERDA, 2010).

Nessa direção, é pertinente apresentar, ainda, o depoimento da coordenadora do GCI Sul sobre a compreensão do grupo como espaço de lazer. Embora ela não tenha discursado sobre aspectos muito diferentes do seu entendimento de lazer de forma mais ampla, interessa notar como ela se refere aos participantes do grupo no feminino, de forma que parece não haver homens participantes do GCI sob sua coordenação:

"[...] Estão sempre todos juntos, um conversa com o outro... Então, eu acho que aqui é um grande lazer para elas. Porque elas não vão a lugar nenhum e estando aqui, elas estão participando, estão conversando, estão brincando, então, pra mim, é um lazer" (NEIDE - COORDENADORA GCI SUL, 2014 - grifos nossos).

Essa reflexão traz à tona as questões de gênero presentes no lazer (GOELLNER, 2014), assim como reitera a predominância de mulheres nos GCI, influenciando a referência mais ampla que, geralmente, é feita a esses grupos como espaços femininos, ainda que, nos cinco espaços pesquisados, haja maior proporção de idosos do sexo masculino do que nos demais grupos

localizados na mesma Região de Florianópolis (SC). Na visão de Britto da Motta (1999), a baixa representatividade masculina nos GCI deve ser avaliada não somente pela razão demográfica (menor número de homens) ou pelo ângulo mais dinâmico das relações de gênero (maior animação e ímpeto gregário das mulheres de mais idade, decorrente do feminismo). A autora considera válido refletir, também, por outro ângulo da situação de gênero, a tradicional, que não enseja aos homens, como faz às mulheres hoje idosas. Trata-se de considerar se a dinâmica nesses espaços é potencialmente atrativa para que eles saiam de casa e os frequentem, uma vez que sempre estiveram no espaço público, no trabalho, na rua.

Silva e Luduvica (2012), ao discutirem o lazer na sociedade capitalista, salientam que para compreendermos o lazer nas configurações atuais é necessário entender que as práticas não produtivas sofreram (e continuam sofrendo) alterações ao longo da história, sendo influenciadas por aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos. Para os autores, o lazer somente poderia ser considerado efetivamente lazer, quando existisse o direito e o conhecimento sobre as escolhas das pessoas.

Nesse contexto, os coordenadores entrevistados neste estudo foram indagados, também, sobre os motivos pelos quais acreditam haver mais mulheres do que homens no GCI que coordenam, ainda que, quando comparados a outros GCI da mesma Região da cidade, sejam os GCI com maior proporção de homens. Além disso, foram questionados sobre o seu (não)interesse na maior participação masculina nos GCI que coordenam. Ambos os aspectos foram reveladores das percepções dos coordenadores

acerca dos GCI que lideram como espaços de lazer também para homens (ou não).

Percepções dos GCI como espaços de lazer também para homens (ou não)

Os GCI Centro e GCI Continente são idealizados como “grupos de casais”. Por isso, quando seus coordenadores foram questionados sobre os motivos da maior participação de mulheres nesses grupos, apontaram o estado civil dos integrantes como principal motivo:

“Porque tem uma viúva e uma divorciada, só por isso. Homem divorciado ou homem viúvo dificilmente se mistura em grupos. Mulher é mais fácil. E elas vieram espontaneamente, foram convidadas. A gente conhecia. Uma delas conhecia do trabalho, a outra que é viúva é o marido que trabalhava conosco, na empresa [...]” (SILVEIRA - COORDENADOR GCI CENTRO, 2014).

“Este grupo é de casais. Se há mais mulheres do que homens é devido às questões da própria vida” (EDUARDO - COORDENADOR GCI CONTINENTE, 2014).

Na mesma direção, o não interesse por mais participantes do sexo masculino foi associado ao fato de o grupo ser de casais, embora o coordenador do GCI Continente tenha se mostrado desfavorável a esse aspecto:

“O nosso grupo sempre estabeleceu o limite máximo de 30 integrantes. Não é intenção do grupo a inclusão de mais homens ou mais mulheres, nossa preferência é inclusão de casais” (SILVEIRA - COORDENADOR GCI CENTRO, 2014).

“Costaria [que houvesse mais homens participando do GCI]. Infelizmente o nosso grupo é de casais e por ser de casais ele procura não dar esse espaço, que eu acho uma falta de humildade” (EDUARDO - COORDENADOR GCI CONTINENTE, 2014).

Se o lazer é um direito social de todos os brasileiros, é certo que os homens idosos viúvos, solteiros ou divorciados também deveriam usufruir dos GCI como possibilidades de vivenciar diferentes conteúdos culturais no lazer, desfrutando de todas as ressonâncias da participação nos grupos. Contudo, a situação conjugal parece estar se configurando como uma barreira de acesso ao lazer nesses espaços, partindo-se do exemplo dos GCI de casais ora investigados.

Segundo Britto da Motta (2005, p. 9): “Essa ideia de ruptura do par e incompletude pessoal e social atravessa os tempos. O casal é uma força que urge preservar, embora, em certas circunstâncias das relações de gênero, seja também uma força que pode manietar e de que é positivo se liberar.”. A autora evidencia que a aparente universalidade da situação da vividez, por ser originada, em qualquer lugar do mundo, pelo mesmo fato (a morte do cônjuge), na verdade, guarda um importante caráter de heterogeneidade: é vivenciada de forma diferenciada conforme a situação de gênero, de classe, de idade/geração, dentre outras inserções sociais do indivíduo.

Por ser uma condição predominantemente das mulheres, em termos de dinâmica populacional, é identificada culturalmente, como estereótipo, como traço da velhice feminina. Entretanto, também pode ocorrer com homens idosos. Neste caso, concomitantemente aos choques afetivo e

representacional, o cotidiano geralmente transcorre entre a desvalia doméstica e o recurso aos saberes e ajuda de outras mulheres disponíveis, comumente do próprio círculo familiar. A maioria deles recasa, sem grande demora, quase sempre com mulheres mais jovens do que a esposa anterior. Porém, há aqueles que não encontram (ou não querem encontrar) outra parceira, repercutindo em características ainda mais peculiares nas posturas sociais assumidas (BRITTO DA MOTTA, 2005), neste caso, como nas questões envolvendo a participação em GCI.

Nesse contexto de discussão, deve-se observar, também, o depoimento da coordenadora do GCI Norte, revelador de que os homens não estavam muito interessados a permanecerem neste espaço antes do início de sua liderança, sendo esse o motivo pelo qual ela acredita haver mais mulheres do que homens participando:

“Quando eu comecei aqui no grupo tinha apenas mulheres. Tinha um homem ou dois. Mas, com o andamento, quando eu assumi a coordenação as mulheres começaram a trazer os homens. Elas começaram a vir e convidando os maridos para vim [...]” (JULIANA - COORDENADORA GCI NORTE, 2014).

Mesmo em um GCI não idealizado como grupo de casais, pode-se observar que a participação dos homens é influenciada por seu estado civil. Por outro lado, a figura do coordenador pode facilitar a participação masculina nesse espaço de lazer, quando há percepção de que ambos os sexos têm direito ao lazer e podem se interessar pelas mesmas atividades. Na opinião da coordenadora do GCI Norte:

"[...] a atividade que é pra homem, é pra mulher. Então, não faz mal eles participarem também de um bingo, de uma tarde. Eu acho que é uma confraternização. Acho interessante que os homens também fizessem parte. E a gente quando se aposenta, eu tiro por mim, eu me aposentei por invalidez, e eu fiquei depressiva porque eu estava acostumada a trabalhar e sair. Embora em casa eu trabalhe bastante, mas não era como se a gente fosse sair para o trabalho da gente" (JULIANA - COORDENADORA GCI NORTE, 2014).

Pesquisas realizadas em GCI de Florianópolis (SC) constataram a predominância no oferecimento de atividades consideradas culturalmente como femininas (como dança, ginástica, artesanato, corte e costura), as quais não atendem aos interesses dos homens no lazer, repercutindo na baixa participação deles em GCI (ARAÚJO, 2004; LOPES, 2012). Contudo, também existem homens idosos que se interessam por tais atividades, conforme verificado por Santos e Marinho (2015), a partir de entrevistas com 38 homens integrantes de GCI em Florianópolis (SC).

Nesta perspectiva, parece que não são somente as atividades (e os estereótipos que as envolvem) determinantes da maior ou da menor participação dos homens nestes ou naqueles GCI. Ao considerar o gênero como categoria analítica e identitária não é possível atribuir papéis universais a homens e a mulheres, sendo observados homens que gostam de determinadas atividades no lazer e outros não, surgindo diferentes aspectos na determinação da participação deles nesses espaços.

No GCI Leste, a secretária entrevistada, como representante da coordenação, também apontou que gostaria de ter maior

quantidade de homens no grupo. Não obstante, seu discurso revelou certas finalidades nesse desejo, tornado-se clara uma visão tradicionalista (e estereotipada) sobre as representações corporais de gênero (BRITTO DA MOTTA, 1999), quando tal interesse foi relacionado à possibilidade de maior vigor físico dos homens (em detrimento da suposta fragilidade do sexo feminino), especialmente para auxiliar nas atividades consideradas mais pesadas; e quando o motivo da maior quantidade de mulheres integrantes foi atribuído a uma possível maior pró-atividade delas. Em suas palavras:

"[...] Homem diz que nunca tem tempo e nunca gosta de nada. Homem só diz: 'não vou lá, naquilo eu não gosto de participar; aquilo é para mulher, não é para homem'. [...] Por que não é para homem? A gente fala que é para todo mundo isso aqui. Grupos são para todas as pessoas, não apenas para mulheres. Porque mulher gosta mais de sair, de se divertir. Mulher é mais ativa para as coisas, sempre tem mais atividades. Você olha a mulher em casa, ela lava a roupa, faz comida, carrega o saco nas costas. Para teres ideia, a mulher, quando tem dois filhos, ela diz assim: 'tem que levar...'. Leva um no colo, um pela mão e vai ao médico, e com uma bolsa no lado ainda, e dá jeito. O homem se você manda trazer uma sacola: 'tava muito pesada, eu não trouxe aquilo porque achei muito incômodo pra mim'. Mulher tem jeito pra tudo. Tem homens que têm as ideias mais abertas e participam das coisas, mas tem outros que não têm. [...] A gente gostaria que tivesse mais homens. Para nós, eles seriam sempre muito bem-vindos, sabes por quê? Porque sempre a gente também faz um eventozinho com eles [com o grupo]. No final do ano sempre a gente faz um bingozinho dos trabalhos que eles fazem, a gente vende as cartelas. E a gente precisa da ajuda

deles [dos homens] para arrumar uma mesa, para arrumar as cadeiras, para pegar umas coisas mais pesadas que a gente não consegue [mulheres]. Então, para isso seriam muito bem-vindos para nós, mas pouco a pouco nós estamos conseguindo um pouquinho” (ZULEIDE - SECRETÁRIA GCI LESTE, 2014).

Se houve aquela interessada na maior participação de homens simplesmente por acreditar que as atividades no lazer desenvolvidas são para ambos os sexos (coordenadora GCI Norte); e também aquela com interesses fundamentados em visões culturalmente estabelecidas sobre os corpos masculinos e femininos (secretária GCI Leste); houve, ainda, aquela que não expôs qualquer interesse por uma quantidade maior de homens no grupo. Sem apresentar justificativas, ainda que questionada, a coordenadora do GCI 63 (Sul) foi enfática ao afirmar sobre a possibilidade de mais homens neste grupo:

“Não, eu acho que está bom. Para nós, está bom” (NEIDE - COORDENADORA GCI SUL, 2014).

Além disso, o motivo pelo qual ela acredita haver mais mulheres do que homens participando no grupo por ela coordenado foi reduzido ao estado civil das idosas:

“Porque a metade das mulheres aqui são viúvas. Algumas são casadas, bem poucas! Mas, a maior parte é tudo viúva” (NEIDE - COORDENADORA GCI SUL, 2014).

Neste caso, apesar de a coordenadora compreender o GCI como espaço de lazer, sua visão demonstra ser um espaço

privilegiado para as mulheres vivenciarem essa esfera da vida humana. De fato, há vários estudos apontando isso (como aqueles citados ao longo deste trabalho), mas os demais coordenadores investigados mostraram-se mais receptivos à participação de homens idosos, bem como mais compreensivos sobre a possibilidade de os interesses no lazer poderem ser similares entre os sexos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar coordenadores de cinco GCI em Florianópolis (SC), este estudo permitiu estabelecer reflexões sobre a configuração do lazer nesses espaços. Os depoimentos dos coordenadores mostraram seus entendimentos sobre o fenômeno baseado em aspectos funcionalistas (prática de atividades prazerosas; diversão; fuga dos problemas, entre outros), sendo estendidos à compreensão dos GCI que lideram como espaços de lazer. Neste último caso, também emergiram das falas fatores que colocaram o lazer como possibilidade de melhoria das condições de vida dos idosos; como contraposto às obrigações, mas também como imbricado nestas últimas.

Dessa forma, apesar das considerações unânimes dos coordenadores sobre os GCI configurarem-se como espaços de lazer para idosos - corroborando com resultados de outros estudos em GCI no Brasil - quando as percepções foram direcionadas à participação masculina, surgiram respostas divergentes entre os coordenadores: enquanto uns acreditam que os GCI são espaços de lazer para ambos os sexos (GCI Norte e GCI Leste), outros limitam à participação aos homens casados, formando grupos

prioritariamente de casais (GCI Continente e GCI Centro); ou mesmo se referem aos participantes, de forma geral, no feminino, enfatizando que aquele espaço de lazer e convivência não tem interesse na maior participação de homens, sob o olhar da coordenadora (GCI Sul).

Apesar de os cinco GCI integrantes desta pesquisa apresentarem maior proporção de homens, quando comparados a outros GCI de uma mesma Região da cidade, seus espaços nem sempre refletem condições mais favoráveis para a vivência do lazer por parte de homens idosos, tendo em vista os discursos dos coordenadores entrevistados. As relações de gênero mostraram-se presentes nesses grupos, quando, por exemplo, a Secretária do GCI Leste associou seu interesse por maior participação de homens a visões culturalmente estabelecidas sobre os corpos masculinos e femininos, que colocam os primeiros como mais fortes e aptos.

Frente ao exposto, indaga-se, por exemplo, quais seriam as visões de coordenadores de GCI com participação masculina ainda menos expressiva. Assim, sugere-se a realização de estudos similares a este em outros GCI de Florianópolis (SC), a fim de melhor compreendê-los como espaços de lazer também para homens (ou não).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Vera Nícia Fortkamp. **Os coordenadores de grupos de convivência de idosos como facilitadores da construção da cidadania**. 2004. 116 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e atual. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BORINI, Maria Lúcia Olivette. **“A saída do fundo do poço”**: representações sociais acerca da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade. 2002. 99 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.
- BRASIL. Lei nº. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 1994.
- BRITTO DA MOTTA, Alda. **“Não tá morto quem peleia”**: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. 1999. 270 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BRITTO DAMOTTA, Alda. Viúvas: o mistério da ausência. **Estudos interdisciplinares do envelhecimento**, Porto Alegre, v. 7, p. 7-24, jan./jun. 2005.
- BROD, Alessandra. **Políticas públicas de lazer para os idosos na região do Vale do Taquari**: um estudo descritivo dos grupos de convivência e bailes da terceira idade. 2004. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros**: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 25-73.

- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: EDUSP, 1999.
- DEBERT, Guita Grin. Feminismo e velhice. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 15-38, maio/ago. 2013.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer.** São Paulo: Perspectiva, 1979.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOELLNER, Silvana Vilodre et al. **Gênero e Raça: inclusão no esporte e lazer.** Porto Alegre: Ministério do Esporte / Gráfica da UFRGS, 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 1-20, jun. 2010.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero, esporte e lazer: marcos teóricos e modos de usar. In: SAMPAIO, Tânia Mara Vieira (Org.). **Lazer e cidadania: partilha de tempo e espaços de afirmação da vida.** Brasília: EdUCB, 2014. p. 53-72.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer - concepções. In: _____. **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 120-125.
- GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-19, jan./abr. 2014.
- GOMES, Christianne; PINHEIRO, Marcos; LACERDA, Leonardo. **Lazer, turismo e inclusão social: intervenção com idosos.** Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- KIST, Rosane Bernardete Brochier. **Os grupos de convivência em Porto Alegre e sua contribuição à garantia de direitos e à autonomia de homens e mulheres idosos: uma aproximação com os centros de idosos em Barcelona.** 2011. 245 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- LOPES, Marize Amorim. **Pessoas longevas e atividade física: fatores que influenciam a prática.** 253 f. 2012. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução.** Campinas: Autores Associados, 1996.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação.** Campinas: Papyrus, 1987.
- MENDES, Deli Regina. **Grupo de convivência "5 de maio" como expressão de políticas públicas, e o significado da participação para as idosas que o integram.** 2000. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: _____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 9-30.
- ROLLIN, Irma Silva. **Grupos de convivência para terceira idade: uma busca do sentido de ser e de existir.** 1998. 107 f. Trabalho de Conclusão de

- Curso (Graduação em Serviço Social) - Departamento de Serviço Social, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.
- SANTOS, Priscila Mari; MARINHO, Alcyane. Conteúdos culturais do lazer e participação masculina em grupos de convivência para idosos de Florianópolis (SC). *Licere*, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 281-321, dez. 2015.
- SANTOS, Priscila Mari; MARINHO, Alcyane. Participação de homens e mulheres em grupos de convivência para idosos em Florianópolis (SC). In: ENCONTRO CATARINENSE DE GERONTOLOGIA, 6., 2014, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Associação Nacional de Gerontologia de Santa Catarina - ANG/SC, 2014. p. 59-60.
- SILVA, Jeffirson Ramos; LUDUVICE, Paulo Vinícius Santos Sulli. Lazer e as contradições sócio-históricas do mundo do trabalho. **Motrivivência**, Florianópolis, Ano XXIV, n. 38, p. 262-278, jun. 2012.
- VARGAS, Alessandra Cardoso; PORTELLA, Marilene Rodrigues. O diferencial de um grupo de convivência: equilíbrio e proporcionalidade entre os gêneros. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 227-238, jun. 2013.

COMMUNITY CENTERS FOR ELDERLY AS LEISURE SPACES (ALSO) FOR MEN: the coordinators look in Florianópolis, SC, Brazil

ABSTRACT

This study aimed to investigate how Community Centers for the Elderly (CCEs) in Florianópolis (SC) are shaping up as leisure spaces for men. It's an exploratory descriptive investigation with qualitative approach. Participated of this study four coordinators and a secretary (representing coordination) five CCEs, one of each area of the city. One semi-structured interview was used to investigate the leisure understandings; understandings of CCEs as leisure facilities; and perceptions on the participation of men. The technique of content analysis was applied. Leisure understandings were marked by functionalist aspects (practical activities, fun, escape from problems), and extended the understanding of CCEs as leisure facilities. While the CCE Central and Continente participation of men is limited to married in CCE North and East there are no limitations. In South CCE coordinator has no interest in male participation and generally referred to in the female group.

Keywords: Leisure Activities; Elderly; Gender

GRUPOS DE CONVIVENCIA PARA LOS ANCIANOS COMO ESPACIOS RECREATIVOS (TAMBIÉN) PARA HOMBRES: los coordinadores se ven en Florianópolis (SC)

RESUMEN

Este estudio investigó cómo los Grupos de Convivencia de los Ancianos (GCA) en Florianópolis (SC) se perfilan como espacios de ocio para los hombres. Desarrollado una investigación cualitativa exploratoria y descriptiva. Los participantes fueron cuatro coordinadores y un secretario (en representación de la coordinación) de cinco GCA, uno de cada región de la ciudad. Se utilizó una entrevista semi-estructurada para investigar los entendimientos de ocio; entendimientos de GCA como instalaciones de ocio; y las percepciones sobre la participación de los hombres. Se aplicó la técnica de análisis de contenido. Entendimientos de ocio fueron marcados por aspectos funcionalistas (actividades prácticas, diversión, escapar de los problemas), y extendieron la comprensión de GCA como instalaciones de ocio. Si bien la participación Centro de GCA y Continente de los hombres se limita a casarse en GCA norte y el este no hay limitaciones. En coordinadora del Sur GCA tiene ningún interés en la participación de los hombres y generalmente se hace referencia en el grupo femenino.

Palabras clave: Actividades Recreativas; Anciano; Género

Recebido em: março/2016

Aprovado em: abril/2016